

AS FONTES DE DUARTE PACHECO PEREIRA NO "ESMERALDO DE SITU ORBIS" (V).

(Continuação).

Finalmente, a fonte mais importante de Duarte Pacheco Pereira no seu **Esmeraldo de situ orbis**: o **De Situ Orbis** de Pompônio Mela. Fonte que até deu origem a uma parte do título da obra de Pacheco (97).

Como já vimos, Pacheco serviu-se, tanto no caso do **Tratado da Esfera** de Sacrobosco, como no caso da **História Natural** de Plínio, de edições em línguas vulgares. Ora com a obra de Pompônio Mela aconteceu exatamente o mesmo: Duarte Pacheco serviu-se de uma tradução castelhana, manuscrita, do **De Situ Orbis**. E ao utilizá-la, anotou-a copiosamente.

Talvez não seja inútil darmos aqui, o mais brevemente possível, uma idéia da maneira pela qual chegámos à tradução italiana da obra de Plínio, à tradução portuguesa da obra de Sacrobosco, e finalmente à tradução castelhana, manuscrita, da obra de Pompônio Mela.

Ao fazermos o estudo das fontes para uma nova edição crítica, e desta vez comentada, do texto do **Esmeraldo de situ orbis** (98), verificámos a falta de acôrdo entre alguns textos latinos da **História Natural** de Plínio e as traduções que dêles dava Duarte Pacheco Pereira na sua obra. Esta falta de acôrdo estendia-se mesmo às edições latinas de que o autor do **Esmeraldo** poderia ter tido conhecimento, como as dos últimos anos do século XV, nitidamente anteriores à data em que Duar-

(97). — Para o problema que tem constituído o título da obra de Duarte Pacheco, ver os nossos artigos: **Esmeraldo de situ orbis**, in **Dicionário de História de Portugal** dirigido por Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1965; **A decifração de um enigma: o título "Esmeraldo de situ orbis"**, in **Diário de Lisboa**, 23 de maio de 1963; **Ibidem**, in **Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira**, Fundação Calouste Gulbenkian, Volume IV, n.º 4, outubro-dezembro de 1963; e especialmente, com êste mesmo título, na **Revista de História**, São Paulo, n.º 58, abril-junho de 1964.

(98). — "**Esmeraldo de situ orbis**" de Duarte Pacheco Pereira (Édition critique et commentée), no prelo.

te Pacheco Pereira começou a redação da sua obra. Procurando então edições da obra de Plínio em línguas vulgares, deparamos com a tradução italiana de Christophoro Landino publicada em Veneza em 1476 e 1481, em que o acôrdo com os textos de **Esmeraldo** é tal que Duarte Pacheco chega mesmo a reproduzir erros de tradução feitos por Landino. Pouco tempo depois fomos surpreendidos pela total identidade de um pequeno passo da carta de Jerônimo Munzer a D. João II, escrita em Nuremberg a 14 de julho de 1493, traduzida por Mestre Álvaro da Tôrre, com um passo do Prólogo do Livro Primeiro da obra de Duarte Pacheco. Pacheco tivera ineludivelmente conhecimento desta carta na sua tradução em língua portuguesa publicada no final da coletânea comumente conhecida por **Regimento de Munich**. Daqui à suposição e depois à demonstração de que Duarte Pacheco Pereira tivera, com tôda a probabilidade, conhecimento do **Tratado da Esfera** de Sacrobosço através do texto em língua portuguesa que se pode ver no citado **Regimento de Munique** foi um passo. Na realidade Pacheco deve ter utilisado este texto da **Esfera** de Sacrobosco, embora numa edição anterior àquela a que pertence o único exemplar conhecido.

Estava feita no nosso espírito a convicção de que Duarte Pacheco Pereira não fôra um forte latinista, e ganhava terreno a hipótese de que êle não lera a sua fonte fundamental, o **De Situ Orbis** de Pompônio Mela, no próprio texto latino (99). Após tentativas infrutíferas no que diz respeito aos incunábulo

(99). — Edições utilizadas do *De Situ Orbis* de Pompônio Mela: *Pomponii Melae Cosmographiae liber*, Mediolani, 1471; *Pomponii Melae Cosmographiae liber*, Venetiis, 1477; *Pomponii Melle cosmographi de Situ orbis liber primus — tertius*, Venetiis, 1478; *Pomponii Mellae Cosmographi Geographia, Prisciani quoque ex Dyonisio Thessalonicensi de Situ Orbis interpretatio*, Venetiis, 1482; *Pomponius Mela, De Situ Orbis*, Valencia, por Lambert Palmart, 1482; *Pomponius Mela, Cosmographia, sive de Situ orbis*, Romae, 1493; *Hermolai Barbari castigationes Plinianae, Item emendatio in Melam Pomponium*, Romae, 1492-1493; *Pomponius Mela, Cosmographia*, ed. Nuñez de la Yerva, Salamanca, 1498; *Compendio geographico i historico de el orbe antiguo, i descripción de el sitio de la tierra escripta por Pomponio Mela, Español antiguamente en la republica romana... restituido a la suia española de la libreria de Don Jusepe Antonio Gonzales de Salas*, Madrid, 1644; *Pomponius Mela: De Situ Orbis*, traduit en français sur l'édition D'Abraham Gronovius, ... par C. P. Fradin, Paris-Poitiers, 3 Tomes, 1804; *Géographie de Pomponius Mela*, traduite par M. Louis Baudet, C. L. F. Panckoucke, Éditeur, Paris, 1843; *Macrobe (Oeuvres Complètes), Varron (De la langue latine), Pomponius Mela (Oeuvres Complètes)*, avec la traduction en français, publiée sous la direction de M. Nisard, Paris, 1845; *Pomponii Melae de Chorographia libri tres recognovit Carolus Frick*, Lipsiae, 1880.

espanhóis e italianos, tivemos conhecimento (100) de um manuscrito, do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela traduzido para castelhano, existente na Biblioteca da Ajuda em Lisboa (101). Este manuscrito faz parte de um códice onde se pode ver uma cópia do século XVI da **Tragedia de la Insigne Reina D. Isabel**. Tal códice era conhecido de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (102), e de Sousa Viterbo (103), no final do século passado. Dêle se ocuparam também, já no nosso século, Joaquim Bensaúde (104), Carlos Malheiro Dias (105), Gerhard Moldenhauer (106), Frazão de Vasconcelos (107), e Fontoura da Costa (108). Carolina Michaëlis de Vasconcelos foi levada até este códice pela **Tragedia de la Insigne Reina D. Isabel**; os restantes atraídos pelo nome do autor da tradução para castelhano do **De Situ Orbis**, Mestre João Faras. Levados até ao manuscrito por razões que não foram as nossas, não admira que não se tenham apercebido que nas margens desta tradução se podem ler mais de 150 notas, do próprio punho de Duarte Pacheco Pereira, tendo sido este exemplar manuscrito do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela que Pacheco utilizou na redação do seu **Esmeraldo de situ orbis** (109).

*

-
- (100). — Através da **Bibliografia Geral Portuguesa do Século XV**, Volume II, Lisboa, 1942, págs. 597-599.
- (101). — Cód. 50-V-19.
- (102). — Uma obra inédita do Condestável D. Pedro de Portugal, in **Homenaje à Menendez y Pelayo en el año vigesimo de su Profesorado-Estudios de Erudicion Española con um Prologo de D. Juan Valera**, Madrid, 1889, 2 Volumes, I, págs. 637-722; Condestável D. Pedro de Portugal-Tragedia de la Insigne Reina D. Isabel, 2a. edição, revista e prefaciada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Coimbra, 1922, págs. 12-30.
- (103). — **Trabalhos náuticos dos portugueses nos séculos XVI e XVII**, 2 Volumes, Lisboa, 1898 e 1900; Volume II, pág. 285 e segs.
- (104). — **Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises**, Genève, 1917-1922, pág. 71.
- (105). — **A Semana de Vera Cruz**, in **História da Colonização Portuguesa do Brasil**, Volume II, Pôrto, 1923, pág. 100.
- (106). — **Contribución al catalogo de manuscritos españoles existentes en bibliotecas portuguesas**, in **Revista de Archivos, Bibliotecas y Museus...**, Tomo XLIX, Madrid, 1928, p. 79.
- (107). — Um documento inédito que importa à **História dos Descobrimentos**, in **Petrus Nonius**, Volume I, n.ºs 1-2, Lisboa, 1937, págs. 108-112.
- (108). — **A Marinharia dos Descobrimentos**, 2a edição correta e aumentada, Lisboa, 1939, págs. 120-121, e **Os sete únicos documentos de 1500 conservados em Lisboa referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral**, Lisboa, 1940, págs. 105-106.
- (109). — Ocupámo-nos deste mesmo assunto. em: **Um inédito de Duarte Pacheco Pereira existente na Biblioteca da Ajuda**, in **Diário de Lisboa**, 17 e 19 de julho de 1961; **Um inédito de Duarte Pacheco Pereira**, in **Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, n.º 4, Volume II, outubro-dezembro de 1961.

Antes de entrarmos no assunto central destas páginas, ocupemo-nos brevemente de Mestre João Faras, autor desta tradução para castelhano do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela; tradução certamente feita, a avaliarmos pela letra, ainda no século XV.

Ocuparam-se da identificação de Mestre João Faras, uns mais brevemente outros mais detalhadamente, alguns dos autores atrás citados, como Sousa Viterbo, Joaquim Bensaúde, Carlos Malheiro Dias, Frazão de Vasconcelos, Fontoura da Costa.

Sousa Viterbo (110) foi o primeiro, ainda no século passado, a preocupar-se com a identificação de Mestre João Faras:

“Não encontramos registado o nome de João Faras. Será acaso o mesmo Mestre João que acompanhou Pedro Álvares Cabral?”.

E por aqui fica Sousa Viterbo.

Já no nosso século Joaquim Bensaúde (111) não vai mais longe, quando escreve:

“Maitre João est peut-être le même que Maitre João Faras, espagnol, médecin et traducteur de la Géographie de Pomponius Mela en espagnol (manuscrit d’Ajuda, Lisbonne)”.

Pouco depois, Carlos Malheiro Dias (112) é um pouco menos breve:

“Este Mestre João, que viajava em um dos navios menores (“este navio ser mucho pequeno”) da armada de Cabral, podia ser, realmente, o mesmo físico Joam Faras, tradutor do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela. Não é provável que coexistissem no mesmo reinado dois bacharéis em artes e medicina, dedicados à cosmografia e oriundos da Galiza, ambos ao serviço de D. Manuel. Falta, porém, o documento que estabeleça a identificação do astrônomo da armada de 1500 com o autor do manuscrito da Ajuda. Da sua presença na segunda esquadra da Índia sabemos pela carta milagrosamente conservada entre os documentos da coleção chamada do **Corpo Cronológico**, no Arquivo da Torre do Tombo. Os cronistas provavelmente ignoraram o físico-astrônomo da frota de Cabral, que também não é citado na copiosa carta de Caminha: circunstância que não habilita a qualquer surpresa, sa-

(110). — Obra citada.

(111). — Ob. cit.

(112). — Ob. cit.

bido como o escrivão da feitoria de Calecut regista apenas doze nomes na longa epístola, entre uma tripulação de mil e duzentos a mil e quinhentos homens”.

Fração de Vasconcelos (113) fala-nos de um outro Mestre João, referido numa carta de 22 de outubro de 1513 (114), a propósito da concessão que lhe teria sido feita de uma tença anual de doze mil reais. Fala ainda de um documento (115) em que é referido êste outro Mestre João como “mestre joham allemã que aqui estaa” e que ensinava a determinar longitudes. E termina, concluindo:

“Em qualquer caso, fica-se sabendo que no começo do século XVI houve em Portugal um Mestre João alemão que ensinava a determinação da **longitude**”.

Finalmente, Fontoura da Costa (116), em dois dos seus trabalhos, dá-nos o estado atual da questão:

“Mestre João fazia parte da tripulação de um dos três navios pequenos da armada de Cabral, onde naturalmente desempenhava as funções de médico e cirurgião. Mas em quinhentos ainda os médicos eram também astrólogos, como êle bem mostra na sua **carta**. Não tem sido possível identificar Mestre João. Citam-se três homens, no reinado de D. Manuel, com êste mesmo nome: 1.º Mestre João de Menelau, grego; 2.º Mestre João Faras, talvez espanhol; 3.º Mestre João, alemão. O primeiro, Menelau, é citado por Sousa Viterbo numa sua monografia de 1892 (117). Martins Basto já o havia indicado como sendo grego e tendo vindo para o reino para ensinar a sua língua a D. João III, quando príncipe (118). Como êste nasceu a 6 de junho de 1502, Menelau não tinha ainda chegado a Portugal quando Cabral partira (9 de março de 1500). Está pois eliminado da identificação. O segundo, Faras, é igualmente citado por Sousa Viterbo, em 1900 (119), isto é, oito anos após a citação anterior. Êste Faras traduziu para espanhol a **Geografia** de Pomponio Mela, cujo manuscrito — talvez cópia — existe na Biblioteca da Ajuda. A **carta** de Mestre João é também em espanhol aporuguesado, e Faras era igualmente,

(113). — Ob. cit.

(114). — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Chancelaria de D. Manuel, Doações, L.º 15, fl. 172.

(115). — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Fragmentos, maço 17.

(116). — Obras citadas.

(117). — *Artes e Artistas em Portugal, Lisboa, 1892.*

(118). — *Breve resumo dos privilégios da nobreza, etc., Lisboa, 1854.*

(119). — Ob. cit.

como êle: bacharel em artes e medicina, fisico e cirurgia de D. Manuel, por isso lembrou Sousa Viterbo a possibilidade do Mestre João, da **carta**, ver o Mestre João Faras, tradutor da **Geografia** de Mela. O terceiro, Mestre João, alemão, é citado por Frazão de Vasconcelos como conhecendo e praticando assuntos náuticos (120). Também deve ser eliminado, porque não houve alemães cientistas nos navios portugueses de 1500; pouco depois embarcaram alemães nos nossos navios, mas dedicados a negócios comerciais. É pois de aceitar a “possibilidade” lembrada por Sousa Viterbo. A ela se arruma o Dr. Malheiro Dias, que fundamenta a sua opinião principalmente no fato de ser pouco provável a coexistência, no mesmo reinado, de dois bachareis em artes e medicina, físicos e cirurgiões do soberano, com o mesmo nome próprio (121); acrescentarei: ambos astrólogos e escrevendo em espanhol”.

Assim se exprime Fontoura da Costa no segundo dos seus trabalhos aqui citados.

Praticamente, nada poderemos acrescentar ao que os autores atrás mencionados já disseram. A não ser talvez a nossa mais profunda convicção de que o autor da tradução para castelhano do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela é o famoso Mestre João, autor da **Carta** a D. Manuel escrita de Vera Cruz no dia 1 de maio de 1500 (122).

Podemos ler no começo desta carta:

“O bacharel mestre Johan fisycó e cirurgyano de vossa alteza...”.

E no final desta mesma carta:

“Johanes artium et medicine bachalarius”.

Nas primeiras linhas da obra de Pompônio Mela, na sua tradução castelhana da Biblioteca da Ajuda, vemos:

“La geografia y cosmografia de Ponponio Mela, cosmografo, pasada de latin em romance por Maestre Joan Faras, bachiler em artes y em medeçina, fisico y sororgiana dell muj alto Rey de Purtugall Dom Manuel” (123).

(120). — Ob. cit.

(121). — Ob. cit.

(122). — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Corpo Cronológico, parte 3a., maço 2, n.º 2.

(123). — Temos em preparação uma edição do manuscrito da Ajuda, que aparecerá com o título: **La traduction espagnole du “De Situ Orbis” de Pomponius Mela par Me. Joan Faras et les notes marginales de Duarte Pacheco**

O castelhano aportuguesado da tradução do **De Situ Orbis**, e o português castelhanizado da carta a D. Manuel (124); o fato de nos dois casos o autor ter o mesmo nome próprio, e ambos serem **bacharéis em artes e em medicina e físicos e cirurgiões** de D. Manuel — tudo isto nos leva a crer que se trata de uma só e mesma personagem.

*

Entremos agora no assunto central destas páginas. Trinta passos em que é nítida a influência do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela, surpreendemos nós na obra de Duarte Pacheco Pereira. Mas ao contrário do que acontece com as citações da **História Natural** de Plínio, Duarte Pacheco na grande maioria das vezes não indica, nem o nome do célebre geógrafo, nem o título da sua obra. No entanto, mesmo nestes casos não há lugar para dúvidas: Pacheco traduz e transcreve, muitas vezes com absoluta fidelidade, passos mais ou menos longos do manuscrito da Ajuda.

Ao iniciarmos a leitura da obra de Duarte Pacheco Pereira deparamos, logo no início do Prólogo do Livro I, com o seguinte passo:

“... e Gaio Plínio, senador de Roma, excilente autor, no seu segundo livro da **Natural História**, capítulo sassetta e nove, diz que Hano Cartiginense navegou da cidade de Calez até o sino Arábico; e dizem mais estes autores, que Eudoxo, fugindo das mãos del-Rei Latiro d’Alenxandria, navegou do mesmo sino Arábico até Calez; e Pompônio Mela, autor muito antigo, natural de junto com Gibaltar, isto mesmo afirma, e diz mais, quase no fim do seu terceiro livro **De Situ Orbis**, que este Eudoxo foi o primeiro que o fogo e uso dele trouxe aos povos bárbaros da Etiópia, aos quais até ’quele tempo inoto era”.

Este passo envolve, como já vímos, Plínio e a **História Natural**, Estrabão, que é citado algumas linhas antes do começo da nossa transcrição (e dizem mais êstes autores — êstes autores são Estrabão e Plínio), e finalmente Pompônio Mela e o **De Situ Orbis**.

Pereira. Todas as transcrições do texto castelhano de Mestre João Faras, assim como das notas de Duarte Pacheco Pereira, neste nosso trabalho, serão feitas segundo esta nossa edição.

- (124). — Dizemos “o português castelhanizado da Carta a D. Manuel” porque é nítido que o autor da carta, sendo de língua castelhana, se esforçou por escrever em português, como era natural dirigindo-se a carta ao rei de Portugal. Quando falamos do “castelhano aportuguesado da tradução do **De Situ Orbis**”, pensamos que o autor, de língua castelhana, foi traído pela sua certamente longa estadia em Portugal, o que o levou a incorrer freqüentemente em portuguesismos.

Vemos pela primeira vez na obra de Duarte Pacheco Pereira o nome de Pompônio Mela, no passo:

“... e Pompônio Mela, autor muito antigo, natural de junto com Gibaltar...”.

Sôbre a naturalidade de Pompônio Mela poderemos ler no seu **De Situ Orbis**, Livro II, Capítulo 6:

“Sinus ultra est, in eoque Carteia (ut quidam putant) aliquando Tartessos, et quam transvecti ex Africa Phoenices habitant: atque unde nos sumus, Tingentera, Tum Mellaria, et Belo, et Besippo, usque ad Junonis promontorium oram freti occupat”.

Mas, como demonstraremos nas páginas que se seguem, Pacheco leu a obra de Pompônio Mela pela tradução castelhana, manuscrita, de Mestre João Faras, tendo êste traduzido o texto citado da seguinte maneira:

“... e la cueua es adelante, en el es Tarteya (segun que algunos piensan), y alguna vez Tartesos, e aquellos que los Fenices traídos de Africa habitan: e de donde nos somos, Çingenteratun. Melaria, e Belo, y Vesipho, fasta el promontorio de Junon la orilla del estrecho ocupan” (125).

Çingenteratun é de resto um êrro bem grosseiro de Mestre João Faras que não compreendeu o passo de Pompônio Mela:

“...atque unde nos sumus, Tingentera, Tum Mellaria...”.

Junto a êste passo de Pompônio Mela, traduzido por Mestre João Faras, escreveu Duarte Pacheco duas notas. Na primeira, lemos:

“carteya deve B gybaltar” (126).

Na segunda, mais longa, Pacheco escreveu:

“no que dyz pomponjo mela q he naturall de gingeteratun e segudo o syto en que o ele pom ali he as alyaziras ou taryfa ou beger de la mell” (127).

Se tomarmos todos êstes textos em consideração poderemos compreender porque é que Duarte Pacheco afirmou que

(125). — Cód. 50-V-19 da Biblioteca da Ajuda, f. 25v.

(126). — *Ibidem*.

(127). — *Ibidem*.

Pompônio Mela era **natural de junto com Gibraltar**. Cartéia para Pacheco era Gibraltar, Tingentera era próximo de Cartéia, e assim, o lugar de nascimento de Pompônio Mela seria nas proximidades de Gibraltar.

Tingentera, como o próprio Pacheco diz na segunda nota, poderia ser Aljeciras ou Tarifa (128). A única dificuldade que encontramos está ligada a esta segunda nota, quando Pacheco escreve após **alyaziras e taryfa, beger de la mell**. Não conseguimos identificar a localidade assim designada por Pacheco.

Finalmente, chamamos a atenção para uma pequena particularidade da primeira nota de Duarte Pacheco:

“carteya deve B gybaltar” (129).

Trata-se do emprêgo da abreviatura semelhante a um B que designa a sílaba **ser**, e que é freqüente não só no texto do **Esmeraldo**, onde a poderemos ver uma dúzia de vezes (130), como também na carta de Duarte Pacheco ao rei D. Manuel (131), onde a encontramos uma dezena de vezes (132).

*

Depois da indicação do lugar da naturalidade de Pompônio Mela, Pacheco diz que Pompônio Mela:

“... isto mesmo afirma...”.

Isto é, afirma que:

“... Eudoxo, fugindo das mãos del-Rei Latiro d’Alixandria, navegou do mesmo sino Arábico até Calez;...”.

Nos textos latinos do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela, no Livro III, Capítulo 9, lemos:

“... et Eudoxus quidam avorum nostrorum temporibus, cum Lathurum regem Alexandriae profugeret, Arabico sinu egressus, per hoc pelagus (ut Nepos affirmat) Gades usque peruectus est”.

(128). — Ver Antonio Garcia y Bellido: *Espania y los españoles hace dos mil años según la geografia de Strabón*, 2a. edição, Coleção Austral, Buenos Aires-México, 1945, ps. 45-54, 55-59.

(129). — Cód. 50-V-19 da Biblioteca da Ajuda, f. 25v.

(130). — Ver no manuscrito do *Esmeraldo de situ orbis*, pertencente à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, fólhos 28v, 29v, 30, 31v, 32, 35v, 36v, 37v, 42, 44, uma vez como na nota em questão isto é, B = ser, e onze vezes na palavra sertão que vemos escrita Btaao.

(131). — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Cartas dos Vice-Reis, maço único, n.º 148.

(132). — Nas palavras **Buico** (serviço), **Buyço** (serviço), **Bujco** (serviço), **Bujcos** (serviços), **Buy** (servi), **Bujo** (servio), **Bujre** (servirem).

Este passo foi traduzido por Mestre João Faras na sua versão castelhana da obra de Pompônio Mela:

“... e Eudexo dixo vno en tiempo de nuestros aguellos, en aquell tiempo como fuese dell rrei Latiro de Alexandria, y saliese del sino Arabico, por aqueste mar (segun que Nepos afirma) fasta Gades ujno,...” (133).

Duarte Pacheco escreveu na margem a seguinte nota:

“quãdo eudoso fugyo das mãos dell rrey latyro nauegou do syno arabyco ate calez a quall nauegaçam foy pola costa de gyne” (134).

É de notar o acôrdo da primeira parte do texto desta nota com o texto do **Esmeraldo**, e acôrdo que se estende à tradução italiana da **História Natural** de Plínio por Christophoro Landino. Com efeito, a expressão **fugindo das mãos**, como já vimos, não aparece no texto latino de Plínio, nem nos de Pompônio Mela, quer se trate do texto latino, quer se trate da tradução castelhana de Mestre João Faras. Assim, o autor desta nota foi alguém que leu a **História Natural** de Plínio pela tradução de Christophoro Landino. E êsse alguém parece-nos não poder deixar de ser Duarte Pacheco Pereira.

Diremos finalmente que a qualificação de Latiro como rei de Alexandria — que não se vê nos textos de Plínio, quer seja o latino quer seja o italiano —, foi buscá-la Duarte Pacheco ao texto de Pompônio Mela.

Voltando pela última vez ao texto do **Esmeraldo** em causa, lemos:

“... e diz mais, quase no fim do seu terceiro livro **De Situ Orbis**, que êste Eudoxo foi o primeiro que o fogo e uso dêle trouve aos povos bárbaros da Etiópia, aos quais até 'quele tempo inoto era”.

No texto latino da obra de Pompônio Mela, no Livro III, Capítulo 9, vemos:

“Sunt quibus ante adventum Eudoxi adeo ignotus ignis fuit, adeoque visus mirum in modum placuit, ut amplecti etiam flammam, et ardentia sinu abdere, donec noceret, maximé libuerit”.

(133). — Cód. 50-V-19 da Biblioteca da Ajuda, f. 39v.

(134). — *Ibidem*.

Na tradução castelhana de Mestre João Faras:

“E son algunos que ante de la uenida de Eudoxo ell fuego les era tan ynoto que ell vso deles applugo a muy grande marauilla, y que abraçauan las llamas, e las cosas ardientes escondian en los senos, fasta enpeçerles grandemente se les entoiava” (135).

Ao lado, pode ver-se a seguinte nota de Duarte Pacheco:

no q em o outro tpo nõ auya vsso de foguo Em gujne e em outras muytas partes” (136).

É frequente na obra de Duarte Pacheco, um assunto abordado em determinado capítulo, ser repetido, e às vêzes mais desenvolvidamente, noutro. Assim acontece com dois passos do Capítulo 5.^o do Livro I, em que a influência do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela é manifesta, e que se ocupam ambos de assuntos que Duarte Pacheco Pereira desenvolve em passos ainda dêste mesmo Livro I, mas nos Capítulos 14 e 21.

No primeiro dêstes passos do Capítulo 5.^o do Livro I, Pacheco escreve:

“... a segunda parte se chamou Mauritânia, e esta se estende desde Melila, onde é o fim de Libia, até a antiga cidade de Tingi, que agora por nome novo Tânger chamamos; e por esta região ter êste nome de Mauritânia, as gentes dela se chamam Mauros, e por corrupção do vocábulo nós a todos universalmente por mouros os nomeamos; a terceira parte houve nome Tingitânia, porque o nome desta antiga cidade de Tingi tomou; o seu lito e costa do mar dura até a cidade de Safi; ...”.

No Capítulo 14 dêste mesmo Livro I, lemos:

“Porque as cousas dinas de memória não devem ficar em esquecimento, portanto convém que aquilo que sabemos, se diga da muito forte e antiga cidade de Tânger, a qual está cinco léguas além d’Alcáçre para fora do estreito, e no seu antigo princípio Tingi houve nome, segundo diz Plínio no seu quinto livro da **Natural História**, capítulo primeiro; o qual nome por muitos anos depois em Tânger lhe foi tornado; cuja pintura pelo natural e também do cabo d’Espartel aqui pusemos; e Tânger se aparta em ladeza, do circulo equinocial contra o polo

(135). — *Ibidem*.

(136). — *Ibidem*.

ártico, trinta e cinco graos e quinze minutos, e diz Pompônio Mela, autor muito antigo, no seu primeiro livro da **Cosmografia**, que Tingi foi edificado pelo gigante Anteo que pelejou com Hércules, e que no muro da parte de fóra tinha pendurado um muito grande escudo coberto de couro d'alifante, o qual por sua grandeza era desposto a nenhum uso, sòmente criam os moradores desta terra que o mesmo Anteo trazia êste escudo nas batalhas”.

Na primeira parte dêste texto Duarte Pacheco cita Plínio e a **História Natural**, para na última parte citar Pompônio Mela e o **De Situ Orbis**, em passo que se pode ver nas edições latinas, no Capítulo 5.º do Livro I:

“In eo est specus Herculi sacer: et ultra specum Tingi oppidum pervectus, ab Antaeo (ut ferunt) conditum. Extat rei sigum parma elephantino tergoe exsecta, ingens, et ob magnitudinem nulli nunc usuro habilis; quam locorum accolae ab illo gestatam pro vero habent, tradunt que, et inde eximiè colunt”.

Passo que coresponde na tradução castelhana de Mestre João Faras, a:

“E en ell es la cueva sagrada de Ercoles, y allen de la cueua es la çibdad de Tinge, muicho antiga, la quall ydifico Anteo segun se dize; cuya ssenall es que esta de fuera vn escudo mui grande cubierto de cuero de elefante y por su grandeza no es dispuesto a ningun vso; ell quall los moradores de a deredor tienen por uerdad que aquell lo traya, e asy se diz, y desdeñe señaladamente lo onrran” (137).

Na margem dêste fólio do manuscrito de Mestre João Faras, ao lado dêste passo, vemos a seguinte nota:

“no que a cidade muyto antyga de tynge e tãgere a quall de tyngem Em tangere mudo o nome mas o primeiro nome seu segundo dyz pljnjo no lyuro quynto capitulo pymeiro foy cote asy que ate agora teue trres nomes .s. cote tjge e tangere a quall çydade sse dyz ter por sygnall e conhecymto huu grande escudo coberto de coiro dalyfante” (138).

Tal como no início do texto citado do **Esmeraldo**, trata-se na primeira parte desta nota da mudança do nome da cidade de

(137). — *Ibidem*, f. 5.

(138). — *Ibidem*.

Tingi em Tânger, e em ambos os casos se cita a autoridade de Plínio no Livro V, Capítulo 1 da **História Natural**. Esta coincidência leva-nos a pensar que se trata de mais um exemplo demonstrativo de que Duarte Pacheco Pereira é o autor das notas à tradução castelhana do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela, feita por Mestre João Faras.

No segundo passo do Capítulo 5.^o do Livro I do **Esmeraldo** atrás mencionado, Pacheco diz:

“...a quarta parte é Atalântica, o qual nome tomou do fabuloso monte Atalante e dura a costa até o principio da Etiópia, pelo qual o mar desta ribeira se chamou Atalântico; ...”.

Este mesmo assunto é desenvolvido na obra de Duarte Pacheco, alguns capítulos mais à frente, num passo que vemos no Capítulo 21 d'êste mesmo Livro I:

“... isto com outras cousas sabemos das serras dos montes Craros que nos pareceo bem escrever nesta nossa obra, e ainda aderemos mais o que diz Plinio no seu quinto livro da **Natural História**, capítulo primeiro, e Pompônio Mela no seu livro **De Situ Orbis**, e assi outros autores, os quais escreveram haver neste sito o monte Atalante, tão alto, que as nuvens excede, e dizem ser um só monte, com muitas fábulas que dêle contaram; mas como quer que os antigos escritores não souberam esta provincia nem a praticaram como a nós temos praticado, portanto não é maravilha cairem em erro, porque tal monte, nem de tal feição, em tôda aquella região o não há, sômente as grandes e muito altas serras dos montes Craros que muita parte de Africa de longo correm, como já acima dissemos, e estas parecem que devem ser o monte Atalante, as quais são muito desviadas da feição e outras cousas que os antigos escritores do monte Atalante disseram; e pois já temos isto dito, agora tornaremos a escrever os lugares e portos da costa do mar”.

Pompônio Mela no **De Situ Orbis**, Livro III, Capítulo 10, escreve também sôbre o monte Atalante:

“In arenis mons est Atlas, densè consurgens, verum incisus undique rupibus praeceps, invius, et, quò magis surgit, exilior, qui quod altiùs quàm conspici potest, usque in nubila erigitur, coelum et sidera non tangere modò vertice, sed sustinere quoque dictus est”.

Pode ver-se êste mesmo passo na tradução de Mestre João Faras:

“En las arenas, es hun monte asaz aleuantado; enpero con cortadas penas de cada parte caiendo se faze sin camino, y donde mas se leuanta, mas sale a fuera; ell quall se alça fasta las nuuens, mas alto de lo que se pueda uer ell çielo, y las estrellas non solamente ancançalas con su altura, mas avn sostenello se dize” (139).

Uma longa nota na margem de um dos fólhos da tradução de Mestre João Faras, a proposito dos limites do continente africano, fala do monte atalante em têrmos quase idênticos àqueles que Duarte Pacheco emprega no passo do **Esmeraldo** atrás citado:

“...ho mar do oucydente que o autor dyz que he atalantico tomou este nome do môte atalante o quall ssegundo detrimjnação allguns afirmã que he a sera da xineira gunto cõ çeita otrros dyzem que corendo pela dca costa dafrica pella boca do estreito pa contra as canareas Esta ho dco monte e portanto chamão aquele mar atalantico mas ho que sse dyz do dito môte atalante ssegundo os autores escreuem da sua alltura e grandeza e cousas marauilhosas que nele ha pareçem mjтира e plynjo lhe chama o fabulosso monte hatalante e Eu ssey aquella costa toda com a costa de guinee e tal monte nam ha Em todaquella terra e prryncipallmente no syto em que os autores escreuem...” (140).

Limitámo-nos a transcrever uma parte da nota; aquela que aqui nos interessa.

Tal como no caso anterior, vemos o autor da nota citando o testemunho de Plínio, e sôbre assunto que também é abordado por Duarte Pacheco no passo do **Esmeraldo**. E mais: o autor da nota coincide com Pacheco no passo do **Esmeraldo** quando nega a veracidade das afirmações de Plínio e Pompônio Mela, invocando a sua experiência pessoal. Finalmente lembramos que, em qualquer dêstes dois últimos exemplos, o autor das notas tinha lido previamente a **História Natural** de Plínio, e certamente pela tradução de Christophoro Landino, como ficou demonstrado a partir do texto do Prólogo do Livro I do **Esmeraldo** que tomámos em conta logo no início destas páginas sôbre Duarte Pacheco Pereira e Pompônio Mela.

*

No Capítulo 13 do Livro I do **Esmeraldo** encontramos um passo em que Pacheco se refere a alguns escritores antigos, estando entre estes certamente Plínio e Pompônio Mela:

(139). — *Ibidem*, f. 40v.

(140). — *Ibidem*, f. 4v.

“Da boca do medio terrano oucidental onde as columnas de Hercules se diz que foram postas, dous promontórios são, que naquelas partes tôdolos outros em altura e fremosura excedem; um deles é Ábila no principio d’Africa, e o outro Calpe na Europa, no qual lugar propriamente é a boca do estreito Gaditano oucidental, onde alguns escriptores antigos disseram que até o mar oceano sòmente chegava ; os quais promontórios agora por outro nome a serra da Ximeira e monte de Gibraltar chamamos; e destes dous os excellentes cosmógrafos começaram a escrever o cercuito do orbe, e nós isso mesmo assi faremos, mas será d’África e parte d’Ásia sòmente, porque da Europa foi já por eles tão largamente escrito que por isso não é mais necessário dizer-se cousa alguma;...”.

No **De Situ Orbis** de Pompônio Mela, Livro I, Capítulo 5:

“Deinde est mons praealtus, ei, quem ex adverso Hispania attollit, objectus: hunc Abylam, illum Calpen vocant, columnas Herculis utrumque. Addit fama nominis fabulam, Herculem ipsum junctos olim perpetuo iugo diremisse colles, atque ita exclusum antea mole montium Oceanum, ad quae nunc inundat admissum”.

Na tradução castelhana de Mestre João Faras:

“E desde de es hun monte mucho alto, contra posto aquell que de la otra parte España alça: e el de Africa llaman Abila, y ell de Espanha Calle, e ambos llaman columnas de Ercoles. Acreçienta la fama dell nonbre la fabula de Ercoles auer apartado los colados, en outros tienpos con perpeto yugo juntos, y asy ell Oceano que ante lla grandeza de los montes estaua fuera, agora ser rreçebido en los lugares en los quales agora esta y onde a” (141).

Ao lado dêste passo da tradução de Mestre João Faras, Duarte Pacheco escreveu duas notas. Na primeira, lemos:

“abila Em afrrica calpe Em espanha .s. aujla e a sserra da ximerya que esta ssobre çeita calle he o môte de gjballtar e nestes dous montes dyzem que ercoles pos suas columnas” (142).

Na segunda nota, vemos:

“no que dyz que antygamente oçiano nã chegaua mays q a boca do estreyto” (143).

(141). — *Ibidem*, fls. 5-5v.

(142). — *Ibidem*, f. 5.

(143). — *Ibidem*, f. 5v.

Se ainda restassem dúvidas acêrca da identidade do autor das notas marginaes do manuscrito de Mestre João Faras, estas duas últimas notas bastariam para demonstrar que elas são obra, indiscutivelmente, de Duarte Pacheco Pereira. Com efeito, a alusão que se vê na primeira nota à **serra da Ximeira** e ao **monte de Gibaltar**, só aparece no texto do **Esmeraldo**. Designações modernas, não poderiam nunca fazer parte da obra de Pompônio Mela, nem da de Plínio. A expressão **boca do estreito** que vemos na segunda nota, só aparece também no texto do **Esmeraldo**, ainda que a idéia à qual esta expressão está ligada — a irrupção do mar a quando da mítica separação das colunas de Hercules —, se encontre em todos os textos. Fazemos notar finalmente que Duarte Pacheco está mais próximo de Plínio do que de Pompônio Mela, neste passo do **Esmeraldo**, pois encontramos a expressão **Calpe na Europa** do texto do **Esmeraldo** nos dois textos de Plínio (**Europae Calpe** no texto latino; **Calpe in Europa** no texto italiano) (144). Nos textos de Pompônio Mela, vê-se **Espanha Calpe**. Fato, afinal, que nada nos espanta, pois como já demonstrámos, Duarte Pacheco Pereira leu Plínio — e até pela tradução italiana de Christophoro Landino —, antes de escrever as notas marginaes à tradução de Mestre João Faras.

*

Como vimos, em exemplos anteriores, acontece, mais do que uma vez, na obra de Pacheco que um mesmo assunto seja abordado em mais de um capítulo. Assim succede com dois passos do Capítulo 5 do Livro I, que ressurgem mais à frente, nos Capítulos 14 e 21 dêsse mesmo Livro I. Ora coisa semelhante poderemos ver no texto do **Esmeraldo** quando Pacheco se ocupa da habitabilidade ou não habitabilidade da zona equinocial. Em três passos êle se ocupa dêste assunto. O primeiro-dêles, no Capítulo 10 do Livro II:

“... e esta terra é muito vezinha do círculo da equinocial, da qual os antigos disseram que era inabitável e nós por experiência achamos o contrário”.

O segundo, no Capítulo 11 dêste mesmo Livro II:

“A experiência nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram

(144). — Ver nas páginas referentes a Plínio, neste nosso estudo, as duas últimas citações da *História Natural* (texto latino e texto italiano).

acêrca da descrição da terra e do mar, os quais disseram que tôda a terra que jaz debaixo do círculo da equinocial era inabitável pola grande quentura do sol, e isto achamos falso e pelo contrário,...

E o terceiro, o mais extenso e completo, e sôbre o qual vamos concentrar a nossa atenção, no Capítulo 1 do Livro IV:

“Pompônio Mela, no princípio do seu segundo livro e assi no meio do terceiro **De Situ Orbis**, e Mestre João de Sacrobosco, Ingrês, excelente autor, na arte da astronomia, no fim do terceiro capítulo de seu **Tratado da Esfera**, cada um dêstes em seu lugar, ambos disseram que as partes da equinocial eram inabitáveis pola muito grande quentura do sol; donde parece que, segundo sua tenção, aquella tórrida zona por esta causa se não podia navegar, pois que a fortaleza do sol impedia não haver habitação de gente; o que tudo isto é falso; certamente temos muita razão de nos espantar de tão excelentes homens, como êstes foram, e assi Plínio e outros autores que isto mesmo afirmaram, cairem em tamanho êrro como neste caso disseram, porque êles todos confessam a Índia ser verdadeiramente oriental e povorada de gente sem número; e como assim seja que o verdadeiro oriente é o círculo da equinocial, que por Guiné e pola Índia passa e com a maior parte dela tem vizinhança, craramente se mostra ser falso o que escreveram;...”

Duarte Pacheco faz certamente alusão, em primeiro lugar, ao seguinte passo do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela:

“In êa primos hominum accepimus ab oriente, Indos, Seres et Scythas. Seres media ferme eoae partis incolunt, Indi et Scythae ultima: ambo latè patentes neque in hoc tantum pelagus effusi. Spectant enim etiam meridiem Indi, oramque Indici maris (nisi quoad aestus inhabitabilem efficiunt) diu continuis gentibus occupant. Spectant et septentrionem Scythae, ac littus Scythicum (nisi unde frigoribus arcentur) usque ad Caspium sinum possident”.

Mestre João Faras fêz dêste passo a seguinte tradução:

“E en ella los primeros de los onbres tomamos de oriente, Yndyos, y Seres, y Sçitas. Los Seres cassi en medio de la parte orientall moran; los Jndios y los Sçithas a llos cabos, ambos largamente manifestandosse nj tan solamente estan deramados a aqueste mar. Porque myran all medio dia los Jndios, y la orilla dell Indyo mar (sacan-

do lo que los estios fazem jnhabitables) luengo tienpo occupan estas gentes. Miran all sseptentrion los Scythas, y la ribera Scithica (si no donde por las frialdades se apartan) fasta ell golfão Caspio poseen” (145).

Na margem dêste texto, Duarte Pacheco Pereira escreveu duas notas. A primeira não passa de uma indicação de um dos assuntos tratados no passo de Pompônio Mela:

“indyos e seres e çitas” (146).

A segunda, resume as idéias de Pacheco no texto do **Esmeraldo**:

“no que dyz q a quinocyall he inhabitabell mas o cõtrayro temos ujsto” (147).

Uma dificuldade surge, no entanto. O passo em que Pompônio Mela se ocupa do problema tratado por Duarte Pacheco não se encontra no comêço do Livro II, como indica o texto do **Esmeraldo**, mas sim no comêço do Livro I; mais precisamente, no Capítulo 2 do Livro I. Tratar-se-há de um engano do copista do manuscrito de Évora? Admiti-lo-íamos de bom grado, se êle tivesse empregado algarismos árabes, mas a verdade é que o copista deu os números por extenso, o que nos leva a crer que êle foi fiel ao manuscrito original. Com efeito, parece-nos muito mais difícil admitir um êrro de cópia quando se trata de números dados por extenso, do que quando se trata de números dados em algarismos árabes. A explicação mais provável, para êste êrro, que atribuímos ao próprio Duarte Pacheco (148), está muito provavelmente ligada ao fato de que êle se serviu, não de um qualquer texto latino da obra de Pompônio Mela, em que os Livros e Capítulos aparecem bem divididos e numerados, mas sim do manuscrito em castelhano de Mestre João Faras, em que não há separação em Livros, e em que os Capítulos não estão numerados. Sõmente os primeiros Capítulos do Livro I têm títulos. E poderemos ainda admitir que, aparecendo o texto em questão no comêço do Capítulo 2.º, Duarte Pacheco teria confundido Capítulo 2.º com Livro II.º.

(145). — Cód. 50-V-19 da Biblioteca da Ajuda, fls. 3-3v.

(146). — *Ibidem*, f. 3.

(147). — *Ibidem*.

(148). — Lembramos que Duarte Pacheco caiu em erros semelhantes na única citação que fez da obra de Beauvais, e no único passo em que se refere explicitamente ao Tratado da Esfera de Sacrobosco.

Existe no entanto uma indicação no manuscrito de Mestre João Faras de que Duarte Pacheco teve à mão um texto latino da obra de Pompônio Mela. Entre as numerosas notas marginaes de sua autoria, vemos uma que tem apenas como objetivo esclarecer uma palavra do texto castelhano, e que pressupõe a consulta de um texto latino:

“o latym dyz sutos” (149).

Parece-nos no entanto que êste detalhe não invalida as nossas conclusões anteriores. O texto de base utilizado por Duarte Pacheco foi indiscutivelmente o manuscrito em castelhano de Mestre João Faras. Uma prova mais de que assim foi parece-nos ser aquela que nos é dada pelo fato de Duarte Pacheco não citar no seu **Esmeraldo** senão quatro vêzes a obra de Pompônio Mela especificando o Livro (150), e nem uma vez sequer o Capítulo, o que faz nítido contraste com as indicações precisas e exatas dos Livros e Capítulos quando se trata de Plínio e da **História Natural**. É que neste caso Duarte Pacheco serviu-se de um livro impresso, e não de um manuscrito.

*

Se voltarmos ao texto do **Esmeraldo** em questão, verificamos que a segunda citação do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela, no início do Livro III, refere-se certamente ao passo relacionado com a Índia, e corresponde a palavras que podemos ver no Capítulo 7.^o desse Livro III:

“Urbium, quas incolunt (sunt autem plurimae) Nysa est clarissima et maxima:...”

Palavras que Mestre João Faras traduziu:

“De las çibdades que abitan, son mui muchas, Nisa es la mas espçial y la mas maior:...” (151).

Se fizermos agora um curto parêntese no que diz respeito ao estudo do aproveitamento que Duarte Pacheco fez do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela, e se atentarmos apenas na demonstração de que Pacheco leu a obra dêste pela tradução em castelha-

(149). — Cód. 50-V-19 da Biblioteca da Ajuda, f. 37v.

(150). — Livro I, Prólogo; L. 1, Cap. 14; L. IV, Cap. 1; L. IV, Cap. 1. Nunca indica o Capítulo: “quase no fim do seu terceiro livro **De Situ Orbis**”; “no seu primeiro livro da **Cosmografia**”; “no princípio do seu segundo livro e assi no meio do terceiro **De Situ Orbis**”.

(151). — Cód. 50-V-19 da Biblioteca da Ajuda, f. 36v.

no, manuscrita, da autoria de Mestre João Faras, e foi o autor das numerosas notas que se vêm nas margens dos fólhos do manuscrito, encontramos, parece-nos, mais uma prova a acrescentar às que já foram dadas. Para isso voltemos às páginas dêste nosso estudo em que nos ocupámos das citações que Duarte Pacheco faz de Ptolomeu. Lá encontramos dois passos do **Esmeraldo** que voltamos a transcrever. O primeiro, pertence ao Capítulo 4.º do Livro I:

“O rio Nilo nos montes da Lua nace, além do círculo da equinocial contra o polo antártico, e daí corre; os quais montes, segundo a discrição de Tolomeu e o sito em que põe o nacimiento do Nilo, em trinta e cinco graos de ladeza da mesma equinocial contra o mesmo polo, as serras fragosas do promontório de Boa Esperança devem ser...”.

O segundo, vêmo-lo no Capítulo 7.º do Livro III:

“Alguns dizem que este cabo é o Plaso Promontório, de que Tolomeo fala; mas a mim não me parece assi, mas antes digo que devem ser os montes da Lua, onde Tolomeo diz que nace o rio Nilo; porque no próprio sito que Tolomeo põe os ditos montes, em trinta e quatro graos e meio de ladeza, da dita equinocial contra o polo antrático, ali está este promontório de Boa Esperança; assi que pela distância que os ditos graos se apartam da equinocial serem conformes os dos montes da Lua a estoutros, e pela feição da terra ser tal, a que Tolomeo escreve dos ditos montes, como a deste promontório, tudo parece ua cousa;...”.

Duarte Pacheco Pereira, como já vímos na parte dêste estudo dedicada à influência de Ptolomeu no **Esmeraldo**, identifica, inexatamente, os montes da Lua de Ptolomeu com as serras fragosas do promontório de Boa Esperança; os montes da Lua, onde Tolomeo diz que nace o rio Nilo.

Ora isto mesmo, e quase que pelas mesmas palavras, encontramos nós numa nota marginal do manuscrito de Mestre João Faras. Trata-se da mais longa nota que ali se pode ver, e já por nós citada a propósito de um passo do **Esmeraldo** em que Pacheco fala do monte Atalante. Tal como neste caso, vamos limitarmo-nos a citar um pequeno passo desta longa nota, apenas aquêle que aqui nos interessa:

“de notar he como africa he detremjnada por tres mares q. o autor dyz .s. o mar lybico e aquele que confronta cô os deptos de lybia q. corre desde tunez atee ho

njllo e o mar do meo dya he o mar de gujnee que core pela cidade de sam gorge da mjna atee a sera do pene-do das fôtes cincoenta legoas do cabo de boa esperança onde sse crre q. segundo tolomeu aly nace o rrio njlo naquelas sseras a que tolomeu chama môtes da luua...” (152).

A coincidência das idéias, e mesmo das palavras empregadas, parece-nos probatória. Duarte Pacheco Pereira é o autor das notas do manuscrito de Mestre João Faras.

*

A acrescentar às raras vêzes em que o nome de Pompônio Mela aparece no texto do **Esmeraldo**, temos um passo do Capítulo 3.º do Livro I:

“...assi quiseram os antigos escritores que a teria, que souberam, em três partes devisa fôsse; e depois de passados muitos anos da reformação das gentes que no delúvio se perderam, e o orbe cheio da geração humana abastada de doutrina, Pompônio Mela e outros antigos cosmógrafos que a mesma terra por muitos anos andaram, e outras pessoas que isso mesmo per verdadeira reformação a souberam, em três partes notáveis a dividiram; e na quarta parte, que Vossa Alteza mandou descobrir além do oceano, por a êles ser incógnita, cousa alguma não falaram; as quais três, Ásia, Europa, e África são chamadas, cujos nomes de seu antigo princípio até 'gora longamente sempre duraram”.

Duarte Pacheco refere-se certamente ao texto de Pompônio Mela que nas edições latinas do **De Situ Orbis**, no Livro I, Capítulo 1, nos aparece sob a seguinte forma:

“Hoc mari, et duobus inclitis amnibus, Tanai ataque Nilo, in tres partes universa dividitur. Tanais a septentrione ad meridiem vergens, in mediam fere Moeotida defluit: ex diverso Nilus in pelagus. Quod terrarum jacet a freto ad ea flumina, ab altero latere Africam vocamus; al altero, Europen; ad Nilum, Africam; ad Tanain, Europen. Ultra quicquid est, Asia est”.

Mestre João Faras dá-nos êste mesmo passo em castelhano:

“Y daqueste mar, com los dos ffamosos rrios, Tanays y o Nilo, em tres partes todo ell vniuersso se deuide. Ta-

nays do septentrion all medio dia ueniendo, entra casi em medio de lla laguna dicha Meotis; e de la parte contraria, Nilo entra em la mar. E lo que de las tieras estaa desde ell estrecho fasta aquellos rios, dell vn lado lhamados Africa, y del otro Auropa: fasta Njlo es Afryca, y fasta Tanays es Europa. E dende auante, todo lo que es, de Asia es” (153).

Entre os **antigos cosmógrafos** de que fala Duarte Pacheco Pereira, está certamente Plínio com a sua **História Natural**, como já vimos, nas páginas que a êste se referem.

Algumas linhas mais, ainda neste mesmo Capítulo 3.º do Livro I do **Esmeraldo**, e encontramos nôvo passo que provem dêste mesmo texto de Pompônio Mela:

“... e estas três, pelo estreito Gaditano occidental, que per Cepta entra, com dous famosos rios, s. Tanai e Nilo, em três partes são divisas;...”.

No manuscrito de Mestre João Faras, junto ao passo acima citado de Pompônio Mela na sua tradução castelhana, pode ver-se a seguinte nota de Duarte Pacheco Pereira:

“ho Rio tauj e njlo deujdem ho orbe //” (154).

Ainda neste mesmo Livro I, no final do Capítulo 5 e no Capítulo 23, Duarte Pacheco Pereira, tal como acontece mais do que uma vez através da sua obra, repete as idéias já expostas nos passos citados do Capítulo 3.º.

No Capítulo 5.º do Livro I, lemos:

“... e porque melhor se possa entender esta nossa obra, pusémos aqui pintado um mapa mundi da feição e descrição destas terras, no qual entrará a Europa, posto que dela não escrevamos, por ser ua das quatro partes do orbe, ainda que os antigos escritores afirmaram serem três sômente, s. Europa, Ásia e África, de que já atrás falámos...”.

Entre os **antigos escritores**, além de Plínio, conta-se certamente Pompônio Mela no passo acima citado do seu **De Situ Orbis**.

No Capítulo 23 dêste mesmo Livro I do **Esmeraldo**, lemos finalmente:

(153). — *Ibidem*, fls. 2v-3.

(154). — *Ibidem*, f. 2v.

“... e porque esta nossa obra tomou princípio da boca do estreito ocidental, donde Plínio e Pompônio Mela e outros autores começaram escrever sua cosmografia;...”.

No Capítulo 5.^o do Livro I, da obra de Pacheco, além dos três passos já citados, podemos ver ainda mais dois onde é nítida a influência de Pompônio Mela, muito embora nem o seu nome, nem o da sua obra sejam citados.

No primeiro dêstes passos, lemos:

“... a maior e principal delas de muito longa antigüidade Canopo houve nome, por respeito do piloto de Menalao, que o mesmo nome tinha e se diz que ali morreo; ...”.

No texto latino do **De Situ Orbis**, no Livro II, Capítulo 7:

“Parva et Canopos, Nili ostio, quod Canopicum vocant, obvia est. Menelai gubernator Canopus ibi fortè moriens, nomen insulae, illa ostio dedit”.

Na tradução de Mestre João Faras:

“E Canopos, a la boca de Njla, a la qual dizen Canopico, es apuesta. E el guernador de Menelao por aventura ay moriendo, dio este nonbre a la jsla, y ella dio a la boca de Nilo” (155).

Duarte Pacheco escreveu em nota, na margem:

“canopa boca do njllo” (156).

No segundo dos passos acima considerados, lemos na obra de Pacheco:

“... e deste lugar, indo pelo Nilo acima até o origine dêle, se divide Asia d’África; e, da ourela do Nilo em diante, tôda aquela parte que se estende vai contra ouriente até o mar, em que habitam os Etiópios sob-Egipto,...”.

Na obra de Pompônio Mela, no Livro I, Capítulo 4:

“Africa ab orientis parte Nilo terminatur, pelago a caeteris”.

(155). — *Ibidem*, f. 26v.

(156). — *Ibidem*.

Na tradução de Mestre João Faras:

“Africa de la parte de oriente polo Njlo es terminada, e por la mar de las otras partes” (157).

O Capítulo 3.^o do Livro I do **Esmeraldo** não passa de uma cerzidura de textos do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela, embora o nome dêste só uma vez apareça, num dos dois passos de que já atrás nos ocupámos. Vejamos pois os três passos que nos restam, dêste Capítulo, em que a influência de Pompônio Mela é manifesta.

No primeiro dêstes, Pacheco escreveu, continuando um dos passos, dêste Capítulo 3.^o, já atrás citados:

“... cuja divisão faz princípio nos montes Rifeus que estão debaixo do polo ártico, onde Tanai nace...”.

Lemos no Livro I, Capítulo 19, do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela:

“Ipse Tanais ex Riphæo monte dejectus, adeo præceps ruit, ut cum vicina flumina, tum Moëotis et Bosphorus”.

E na tradução castelhana de Mestre João Faras:

“E se Tanays del Rrypheo monte es deribado, e con tanto estruendo viene, que como los rrios uezinos, e asy la laguna Meotis y el estrecho...” (158).

Junto a êste passo Duarte Pacheco escreveu na margem:

“o rryo tanay naçe no rrafeio môte” (159).

O passo do **Esmeraldo** que acabamos de citar, continúa ainda:

“... o qual correndo contra meio dia, pela região dos Citas, fazendo seu curso com grande ímpeto, entra no mar de la Tana, que antigamente Palude Meotis se chamava...”.

No Capítulo 1.^o do Livro I do **De Situ Orbis**, lemos:

“Tanais a septentrione ad meridiem vergens, in mediam fere Moëotida defluit”.

(157). — *Ibidem*, f. 4v.

(158). — *Ibidem*, f. 14v.

(159). — *Ibidem*.

Na tradução castelhana de Mestre João Faras:

“Tanays do septentrion all medio dia ueniendo, entra casi em medio de lla laguna dicha Meotis;...” (160).

A propósito dêste passo, vemos na margem a seguinte nota de Pacheco:

“tambem se chama a laguna meotis ./.. ho mar de la tana” (161).

Ainda na continuação dêstes passos, e a terminar o Capítulo, Pacheco escreve:

“... e por êste rio e pelo mesmo medio terrano de Cepta que adiante corre pelo estreito de Trácia, que Hellespontos houve já nome, onde a cidade de Constantino-pla é situada, fazendo fim adiante na lagoa Meotis, Europa de Ásia craramente é partida”.

No texto latino de Pompônio Mela, no Capítulo 1.^o do Livro I, vemos:

“Angustias introitumque venientis, nos fretum, Graeci appellant. Quà diffunditur, alia aliis locis cognomina acceptat. Ubi primùm se coarctat, Hellespontus vocatur. Propontis, ubi expandit. Ubi iterum pressit, Thracius Bosphorus. Ubi iterum effundit, Pontus Euxinus. Quà palūdi committitur, Cimmericus Bosphorus, Palus ipsa, Moetis”.

Na tradução castelhana de Mestre João Faras, lemos:

“E llas angusturas y entrada del mar que viene a nos, llamamos estrecho; llos Griegos, Portemon. Por donde ella se estiende, otros sobrenombres toma em algunos lugares: donde primero se estrecha Hellespontus es dicho; e mar de Praponto onde se estende; donde otra vez se aperta, estrecho de Traçia; donde otra vez se estiende, Pontus Euxinus; por donde se mete em la laguna, estrecho de Tartaria; e esa laguna se llama Meotis” (162).

Três notas escreveu Duarte Pacheco à margem dêste passo da tradução castelhana da obra de Pompônio Mela. Na primeira, lemos:

(160). — *Ibidem*, f. 3.

(161). — *Ibidem*, f. 2v.

(162). — *Ibidem*.

“ellespontus he o estreyto de costantinplla” (163).

Na segunda:

“pontus exinos he o mar de lla tana” (164).

Na terceira, que acabámos de citar a propósito do passo anterior do **Esmeraldo**, vemos:

“tanbém se chama a laguna meotis ./.. ho mar de la tana” (165).

*

No Capítulo 1.º do Livro I do **Esmeraldo**, o **De Situ Orbis** de Pompônio Mela está presente cinco vêzes sem que se veja a mínima referência à obra, ou ao autor. Não pode no entanto existir a mínima dúvida de que assim é, tratando-se mesmo de um dos capítulos da obra de Duarte Pacheco em que êste mais depende de Pompônio Mela. Êste capítulo, intitulado **Principio do primeiro livro e particular decaração dalguns círculos superiores e assento da terra**, tal como o 3.º dêste mesmo Livro I, de que já nos ocupámos, quase não passa de uma cerzidura de textos traduzidos da obra de Pompônio Mela.

Vejamos o primeiro dêstes passos que começa com a primeira palavra do Capítulo:

“Não devemos duvidar que os filósofos e antigos sabedores disseram que este nome de mundo e de ceo, ou qualquer cousa que é, ua mesma cousa é e, em seu cêrco, a si e a tôdalas cousas cobre”.

Lemos no texto latino do **De Situ Orbis**, no Livro I, Capítulo 1:

“Omne igitur hoc, quicquid est, cui Mundi Coelique nomen indidimus, unum id est, et uno ambitu se cuncta-que amplectitur”.

Texto que Mestre João Faras traduz da seguinte maneira:

“Asi que todo esto, quallquiera cosa que es, al qual nonbre de Mundo y de Çiello dizimos, vna misma cossa es, e em su çierco a si y a todalas cosas abraça” (166).

(163). — *Ibidem*.

(164). — *Ibidem*.

(165). — *Ibidem*.

(166). — *Ibidem*, f. 2.

O segundo passo é a continuação do anterior na obra de Duarte Pacheco:

“... e onde o sol nace, chamaram ouriente ou nascimento; e donde se esconde, oucidente ou escondido; e por onde corre, meio dia ou austro, e das partes contrairas, setenterião;...”.

Vemos no texto latino de Pompônio Mela, no Livro I, Capítulo 1:

“unde sol oritur, Oriens nuncupatur, aut Ortus; quo demergitur, Occidens, vel Occasus; qua decurrit, Meridies; ab adversa parte, Septentrio”.

E na tradução castelhana de Mestre João Faras:

“... donde ell soll naçe, llamase Oriente, o Nascimento; donde sse esconde, llamase Oçidente, o Escondido; por donde core, llamase Medeo Dia; e de la parte contraria, Septentrion” (167).

O terceiro continúa os anteriores, no texto do **Esmeraldo**:

“... e isto que ora brevemente é dito, sòmente toca aos círculos superiores; e em-adendo mais na matéria, affirmaram que a terra neste meio é posta como centro e de tôda parte é cingida pelo mar, e ela mesma em duas partes, que hemispérios são chamados, desde ouriente dividida até oucidente, volvendo em ouriente, per cinco zonas é repartida; a zona do meio, que equinocial se chama, ou cinta do primeiro movimento, pelo grande ardor do sol é assaz d’afadigada...”.

No texto latino de Pompônio Mela, no mesmo Livro I, Capítulo 1:

“Huic medio terra sublimis cingitur undique mari: eodemque in duo latera, quae Hemisphaeria nominantur, ab oriente divisa ad occasum, zonis quinque distinguitur. Mediam aestus infestat”.

Na tradução castelhana de Mestre João Faras:

“E en aqueste medio, la tieria alta es çenida de cada parte de la mar, e elha mesma em dos partes que emisperios ssom lhamados, desde ell oriente deuidida fasta oç-

dente, en cinco sonas es destenguida. La media, ell estio la fatiga,..." (168).

A expressão **equinocial se chama, ou cinta do primeiro movimento**, provem, como já vímos, muito provàvelmente do **Tratado da Esfera** de Sacrobosco, na sua tradução em língua portuguesa:

"chamase a também a equinociall cinta do primeiro mouimento porque ho parte por ho meo distando jguallmente dos polos do mundo" (169).

Após uma interrupção no texto do **Esmeraldo** de quatro ou cinco linhas, em que Pacheco se serviu muito provàvelmente do **Tratado da Esfera** de Sacrobosco na tradução em língua portuguesa, voltamos a um texto que é ineludivelmente traduzido do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela:

"... as outras duas temperadas, quase iguais fazem os tempos do ano, mas não de todo igualmente; e destas duas se diz que os antípodes habitam ua parte e nós a outra;..."

Lemos no texto de Pompônio Mela, sempre no Livro I, Capítulo 1:

"reliquae (zoniae) habitabiles paria agunt amni tempora, verum non pariter. Antichtones alteram, nos alteram incolimus".

Texto que Mestre João Faras traduziu:

"... llas otras habitables, yguales fazem los tienpos del anho, enpero non ygualmente. Los antypides habitam la vna, y nos la otra" (170).

O quinto e último passo dêste Capítulo 1.^o do Livro I do **Esmeraldo**, repete a última parte do anterior:

"... assim que os antípodes habitam ua parte e nós a outra;..."

Texto que provém de :

"Antichtones alteram, nos alteram incolimus",

(168). — *Ibidem*, fls. 2-2v.

(169). — **Regimento do Estrolábio e do Quadrante — Tractado da Spera do Mundo**, Munich, 1914. (Edição de Joaquim Bensaúde), p. 35.

(170). — Cód. 50-V-19 da Biblioteca da Ajuda, f. 2v.

que Mestre João Faras traduziu por

“Los antypides habitam la vna, y nos la otra” (171).

*

Finalmente, também no Capítulo 2.^o dêste mesmo Livro I do **Esmeraldo**, o **De Situ Orbis** de Pompônio Mela surge com influência nítida em quatro passos, ainda que nem o nome do autor, nem o título da obra sejam mencionados. O primeiro dêstes passos começa logo com as primeiras palavras do Capítulo:

“Escrever o sito do orbe com a grandeza de tôda a terra e do mar, as ilhas, as cidades, as fortalezas, animais, com tôdalas outras cousas que nêle são, tanto é longa como defícil matéria, e de elegância não capaz, e a ordem dela assaz entrincada; a qual, pola quantidade de tamanho corpo, impossível é ser particularmente sabida, mas pola admiração de tão excilente cousa muito digna de ser escrita e praticada;...”

Lemos no **Proemium** do Livro I do texto latino da obra de Pompônio Mela:

“Orbis situm dicere aggredior, impeditum opus, et facundiae minimè capax; (constat enim fere ex gentium locorumque nominibus, et eorum perplexo satis ordine, quem persequi longa est magis quàm benigna materia) verum adspici tamen cognoscique dignissimum”.

Texto que Mestre João Faras traduziu para catelhano:

“El sitio de la tieria, osso a dizer, obra asaz pesada y de elegancia no capaz (porque consta casi de nonbres de gentes y de lugares, e lla ordem dello assas entricada, la quall prosiguir mas es luenga que benina materia), empero verdaderamente mucho digna de sser mirada y conoçida,...” (172).

Os três restantes casos dizem respeito a passos referentes todos ao mesmo assunto:

“... e portanto devemos primeiro considerar como os filósefos que nesta matéria falaram, disseram que a terra toda é cercada pelo mar,...”

“... a terra tem água dentro em si, e o mar não cerca a terra, como Homero e outros autores disseram,...”

(171). — *Ibidem*.

(172). — *Ibidem*, f. 2.

“... pelo qual podemos dizer que o mar oceano não cerca a terra como os filósofos disseram...”.

Trata-se sem dúvida de um curto passo do Livro III, Capítulo 5, da obra de Pompônio Mela, que nas edições latinas vemos da seguinte maneira:

“Sed praeter physicos Homerumque, qui universum orbem mari circumfusum esse dixerunt”.

Mestre João Faras dá-nos deste passo, na sua tradução castelhana, a seguinte versão:

“... alen de los filosofos y de Omero que todo ell Mundo ser cercado de la mar dixeron...” (173).

Na margem deste fólio do manuscrito de Mestre João Faras, vemos a seguinte nota da autoria de Duarte Pacheco Pereira:

“homero e outros fylosyfos dyserã ho mar çcar a terra” (174).

*

Ao terminar estas páginas sobre a utilização que Duarte Pacheco Pereira fez do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela no seu **Esmeraldo de situ orbis**, poderemos dizer que a comparação destes últimos passos de ambas as obras não desconfirma as conclusões a que anteriormente tínhamos chegado. Talvez até bem pelo contrário, pois parece-nos muito nítida a semelhança na forma e até muitas vezes nas palavras empregadas, por Pacheco na sua obra e Mestre João Faras na sua tradução, sobretudo se tivermos em conta os Capítulos 1.º e 2.º do Livro I do **Esmeraldo**

(Continua).

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História Ibérica da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

(173). — *Ibidem*, f. 33v.

(174). — *Ibidem*.